

# AS FACES DA ASSEMBLÉIA NACIONAL CONSTITUINTE

SQUERDA

## Região F. Lima

### Pelo regime parlamentar à brasileira

**Natural de Timbaúba, Zona da Mata de Pernambuco, o advogado Egídio Ferreira Lima é tido como um dos ideólogos do PMDB. Vereador, foi deputado, cassado pelo AI 5, retornando à política em 83. E um parlamentar respeitado, relator da Comissão de Organização dos Poderes da Constituinte e defensor do mandato de quatro anos para o presidente Sarney. Mas ressalva: "Não tenho nada contra o presidente, que me parece ter o desejo sincero de acertar". Adepto recente do parlamentarismo, defende a mudança do regime político e um posicionamento de centro-esquerda para o PMDB, através da ação de Ulysses Guimarães, político que, a seu ver, "não pode se perder com nomeação de ministros, mas deve precisar o projeto social-democrata para a sociedade brasileira". Eis as suas idéias.**

Quais as razões que justificam a implantação do regime parlamentarista no Brasil, tal como o senhor o propôs através de seu parecer na Comissão de Organização dos Poderes e Sistemas de Governo?

O presidencialismo esgotou-se ao se iniciar a década de 80. O País entrou em fase de grande turbulência, depois de sofrer um ciclo de sedições militares na de 20 (22, 24 e 26). Em 30, tivemos uma grande inquietação na sociedade, que se refletiu no meio intelectual, de que é exemplo a criação do Centro Dom Vital, um movimento de renovação no laicato católico.

De 1930 para cá, são 57 anos. Tivemos o Estado Novo, 22 anos de regime autoritário. Durante a Carta de 1946, tivemos o suicídio de Vargas, o contragolpe do General Lott para garantir a eleição e posse de Juscelino Kubitschek, a eleição consagrador de Jânio, seu governo de seis meses, a renúncia, a deposição de Jango em 1964. Tudo isso evidenciando a impropriedade do regime presidencialista. O presidencialismo é só um sistema de poder, não é uma doutrina política, tanto que, na Constituição, se estabeleceu que o Presidente da República governa com a colaboração dos seus auxiliares.

O Presidente recebe o impacto das pressões de todas as categorias sociais. E há a centralização excessiva, agravada pelo regime instalado após 64, de que resultou o empobrecimento dos Estados e considerável aumento dos desníveis regionais. O regime já mostrou sua impraticabilidade no Brasil.

Muitos temem que o parlamentarismo dilua a autoridade em um momento de crise. O que diz a esse respeito?

Não se promove a modernização do Brasil com um bom sistema de poder. É preciso engendrar um sistema flexível, objetivo, funcional, capaz de estimular a inteligência nacional. O parlamentarismo é a garantia da evolução. Após a segunda Guerra Mundial, todas as grandes Nações da Europa Ocidental o aplicaram. São dois exemplos ilustrativos a Alemanha e a Itália.

A Itália teve uma trajetória brilhante, desde então. E, hoje, o mais sólido país da Europa e onde há mais liberdade.

Nesses países, existe uma longa tradição de descentralização. O Brasil tem tradição oposta...

Entrevista a TARCISIO HOLANDA e LUIS ADOLFO PINHEIRO

## CONCEITOS SOBRE O MOMENTO

**1 CRISE**  
É sobretudo política. É de falta de legitimidade. A economia é indissociável da política e da situação institucional.

**2 PMDB**  
Deve ser o grande partido social democrata do Brasil e não uma organização esquerdista ou conservadora. Ele tem uma história.

**3 SARNEY**  
Ele tem o sincero desejo de acertar. É injusto culpá-lo pelo descalabro do governo. O que falta são novas instituições.

**1 CRISE**  
Não se tem crise política ou econômica. É uma coisa global e uma de certa forma alimenta a outra. E o problema da galinha e do ovo.

**2 PMDB**  
O partido ainda não desceu do palanque. Tem uma propensão para a demagogia que toma votos dos incautos mas não administra o país.

**3 SARNEY**  
O presidente é um político competente. O mal é que ele optou pelo PMDB e pôs seu mandato, que era de seis anos, em debate público.

**1 CRISE**  
A crise é política ou econômica? Eu acho certa diferenciação até um pouco ociosa. Você não tem uma crise econômica. Não tem uma crise política. Tem uma crise realmente. E uma coisa global. De uma certa forma uma alimenta a outra. Digamos: você não pode apresentar um programa coerente porque quem suporta o Governo é um partido incoerente. Em compensação, essa incoerência é reforçada pelos maus resultados da política. E o problema da galinha e do ovo.

Mas não se sabe até quando o Presidente fica...

Isso eu acho que é um pouco de conversa mole. Eu acredito, realmente, que quem abriu essa discussão foi o Presidente. Eu considero o Sarney um homem extremamente hábil do ponto de vista político. E competente. E me surpreendi com o discurso de impacto, em que ele abriu mão de um ano de mandato. Na minha opinião isso é um absurdo. O mandato é de seis anos e ele não pode abrir mão de coisa nenhuma. Hoje o mandato está na mão, realmente, da Assembleia Nacional Constituinte.

Quem o senhor considera o maior inimigo do Governo, hoje?

O Governo não tem inimigos. O Governo tem adversários. Eu nem diria adversários. Tem opositores, como é normal e natural. Agora, eu acho que a grande oposição ao Governo é o Governo. Basicamente você tem oposição do quinto escalão ao segundo. Só não tem do primeiro porque o Presidente é o único.

E não tem vice...

O que ele tem é um xá do pentapresidente, ou tetrapresidente.

O governo do presidente Figueiredo foi acusado de ser imobilista. Como o senhor compararia com o atual Governo?

Eu não vi imobilismo no governo Figueiredo. O governo Figueiredo teve uma tarefa duríssima que foi ajustar o Brasil a uma crise mundial. Nós sofremos. Fizemos ajustes. Em 84, já estávamos crescendo, tínhamos feito um ajuste bastante razoável. Bastou continuar a política que vinha sendo posta em prática em 84 que a economia cresceu quase 8 por cento em 85, os preços continuaram em 220 por cento. Deu um superávit de 13 bilhões de dólares. Na realidade, isso tudo foi destruído em agosto de 85, com a mudança da política e o começo da destruição do tal "pacotão" fiscal de novembro. O doutor Ulysses aprovou correndo porque queria ir para a China.

Por que o senhor acha que a crise de agora é maior do que a de 81?

Porque essa é uma crise nossa. Em 81, era uma crise do mundo. O Brasil faz parte do mundo e estava saindo da crise. A recessão de 81/82 foi consequência de uma política para conduzir um ajuste. A recessão de 87 é consequência da falta de política. Ela é uma recessão gratuita, para nada. Está sendo feita, simplesmente, porque se chutou tudo fora do gol.

O senhor não acha que a contradição se dá exatamente porque há dois governos. O presidente Sarney querendo fazer uma coisa e o PMDB querendo fazer outra?

O PMDB é o partido dele. Foi uma opção que ele fez. Ele foi do PMDB e é homem do PMDB. Não seria um PMDB histórico. O PMDB histórico do PMDB é sem "H". Tem aí dois ou três que defendem a idéia de que são históricos e até talvez sejam. Mas o partido do Presidente é o PMDB. O que eu acho é que o PMDB não desceu do palanque.

Como político o senhor se sente bem? Eu me sinto perfeitamente. Estou aprendendo muito. Acho o Congresso uma coisa interessantíssima. E mais: o Congresso é realmente o Brasil físico. Cada pessoa que está aqui é rigorosamente igual a todas as outras. Cada indivíduo que está aqui representa uma parcela da sociedade brasileira com seus anseios, suas dificuldades, seus problemas. A seca do nordeste aqui é um fato concreto. Não é uma abstração da renda, da invasão não sei onde no Ceará.

Como o senhor vê o tipo de debates aqui, nas comissões?...

Eu acho que há uma certa pretensão intelectual. Na minha opinião, como eu disse, cada pessoa que está aqui tem sua forma de expressar — aqui não existe hierarquia, é um clube rigorosamente igualitário — seu nível de compreensão da realidade. E o debate reflete isso. As pessoas que estão aqui são para cuidar dos interesses dos seus constituintes. E elas sabem defendê-los com maestria.

Sem muita teoria mas... Há pretensões que são difíceis de serem acomodadas. Hoje, todo mundo pretende fazer certas vinculações entre setores da sociedade e o orçamento.

**2 PMDB**  
O partido ainda não desceu do palanque. Tem uma propensão para a demagogia que toma votos dos incautos mas não administra o país.

**3 SARNEY**  
O presidente é um político competente. O mal é que ele optou pelo PMDB e pôs seu mandato, que era de seis anos, em debate público.

**1 CRISE**  
A crise é política ou econômica? Eu acho certa diferenciação até um pouco ociosa. Você não tem uma crise econômica. Não tem uma crise política. Tem uma crise realmente. E uma coisa global. De uma certa forma uma alimenta a outra. Digamos: você não pode apresentar um programa coerente porque quem suporta o Governo é um partido incoerente. Em compensação, essa incoerência é reforçada pelos maus resultados da política. E o problema da galinha e do ovo.

Mas não se sabe até quando o Presidente fica...

Isso eu acho que é um pouco de conversa mole. Eu acredito, realmente, que quem abriu essa discussão foi o Presidente. Eu considero o Sarney um homem extremamente hábil do ponto de vista político. E competente. E me surpreendi com o discurso de impacto, em que ele abriu mão de um ano de mandato. Na minha opinião isso é um absurdo. O mandato é de seis anos e ele não pode abrir mão de coisa nenhuma. Hoje o mandato está na mão, realmente, da Assembleia Nacional Constituinte.

Quem o senhor considera o maior inimigo do Governo, hoje?

O Governo não tem inimigos. O Governo tem adversários. Eu nem diria adversários. Tem opositores, como é normal e natural. Agora, eu acho que a grande oposição ao Governo é o Governo. Basicamente você tem oposição do quinto escalão ao segundo. Só não tem do primeiro porque o Presidente é o único.

E não tem vice...

O que ele tem é um xá do pentapresidente, ou tetrapresidente.

O governo do presidente Figueiredo foi acusado de ser imobilista. Como o senhor compararia com o atual Governo?

Eu não vi imobilismo no governo Figueiredo. O governo Figueiredo teve uma tarefa duríssima que foi ajustar o Brasil a uma crise mundial. Nós sofremos. Fizemos ajustes. Em 84, já estávamos crescendo, tínhamos feito um ajuste bastante razoável. Bastou continuar a política que vinha sendo posta em prática em 84 que a economia cresceu quase 8 por cento em 85, os preços continuaram em 220 por cento. Deu um superávit de 13 bilhões de dólares. Na realidade, isso tudo foi destruído em agosto de 85, com a mudança da política e o começo da destruição do tal "pacotão" fiscal de novembro. O doutor Ulysses aprovou correndo porque queria ir para a China.

Por que o senhor acha que a crise de agora é maior do que a de 81?

Porque essa é uma crise nossa. Em 81, era uma crise do mundo. O Brasil faz parte do mundo e estava saindo da crise. A recessão de 81/82 foi consequência de uma política para conduzir um ajuste. A recessão de 87 é consequência da falta de política. Ela é uma recessão gratuita, para nada. Está sendo feita, simplesmente, porque se chutou tudo fora do gol.

O senhor não acha que a contradição se dá exatamente porque há dois governos. O presidente Sarney querendo fazer uma coisa e o PMDB querendo fazer outra?

O PMDB é o partido dele. Foi uma opção que ele fez. Ele foi do PMDB e é homem do PMDB. Não seria um PMDB histórico. O PMDB histórico do PMDB é sem "H". Tem aí dois ou três que defendem a idéia de que são históricos e até talvez sejam. Mas o partido do Presidente é o PMDB. O que eu acho é que o PMDB não desceu do palanque.

Como político o senhor se sente bem? Eu me sinto perfeitamente. Estou aprendendo muito. Acho o Congresso uma coisa interessantíssima. E mais: o Congresso é realmente o Brasil físico. Cada pessoa que está aqui é rigorosamente igual a todas as outras. Cada indivíduo que está aqui representa uma parcela da sociedade brasileira com seus anseios, suas dificuldades, seus problemas. A seca do nordeste aqui é um fato concreto. Não é uma abstração da renda, da invasão não sei onde no Ceará.

Como o senhor vê o tipo de debates aqui, nas comissões?...

Eu acho que há uma certa pretensão intelectual. Na minha opinião, como eu disse, cada pessoa que está aqui tem sua forma de expressar — aqui não existe hierarquia, é um clube rigorosamente igualitário — seu nível de compreensão da realidade. E o debate reflete isso. As pessoas que estão aqui são para cuidar dos interesses dos seus constituintes. E elas sabem defendê-los com maestria.

Sem muita teoria mas... Há pretensões que são difíceis de serem acomodadas. Hoje, todo mundo pretende fazer certas vinculações entre setores da sociedade e o orçamento.

**2 PMDB**  
O partido ainda não desceu do palanque. Tem uma propensão para a demagogia que toma votos dos incautos mas não administra o país.

**3 SARNEY**  
O presidente é um político competente. O mal é que ele optou pelo PMDB e pôs seu mandato, que era de seis anos, em debate público.

Entrevista a EDUARDO BRITO SERGIO CHACON e VERA RAMOS

## Delfim Netto

**1 CRISE**  
É sobretudo política. É de falta de legitimidade. A economia é indissociável da política e da situação institucional.

**2 PMDB**  
Deve ser o grande partido social democrata do Brasil e não uma organização esquerdista ou conservadora. Ele tem uma história.

**3 SARNEY**  
Ele tem o sincero desejo de acertar. É injusto culpá-lo pelo descalabro do governo. O que falta são novas instituições.

**1 CRISE**  
Não se tem crise política ou econômica. É uma coisa global e uma de certa forma alimenta a outra. E o problema da galinha e do ovo.

**2 PMDB**  
O partido ainda não desceu do palanque. Tem uma propensão para a demagogia que toma votos dos incautos mas não administra o país.

**3 SARNEY**  
O presidente é um político competente. O mal é que ele optou pelo PMDB e pôs seu mandato, que era de seis anos, em debate público.

**1 CRISE**  
A crise é política ou econômica? Eu acho certa diferenciação até um pouco ociosa. Você não tem uma crise econômica. Não tem uma crise política. Tem uma crise realmente. E uma coisa global. De uma certa forma uma alimenta a outra. Digamos: você não pode apresentar um programa coerente porque quem suporta o Governo é um partido incoerente. Em compensação, essa incoerência é reforçada pelos maus resultados da política. E o problema da galinha e do ovo.

Mas não se sabe até quando o Presidente fica...

Isso eu acho que é um pouco de conversa mole. Eu acredito, realmente, que quem abriu essa discussão foi o Presidente. Eu considero o Sarney um homem extremamente hábil do ponto de vista político. E competente. E me surpreendi com o discurso de impacto, em que ele abriu mão de um ano de mandato. Na minha opinião isso é um absurdo. O mandato é de seis anos e ele não pode abrir mão de coisa nenhuma. Hoje o mandato está na mão, realmente, da Assembleia Nacional Constituinte.

Quem o senhor considera o maior inimigo do Governo, hoje?

O Governo não tem inimigos. O Governo tem adversários. Eu nem diria adversários. Tem opositores, como é normal e natural. Agora, eu acho que a grande oposição ao Governo é o Governo. Basicamente você tem oposição do quinto escalão ao segundo. Só não tem do primeiro porque o Presidente é o único.

E não tem vice...

O que ele tem é um xá do pentapresidente, ou tetrapresidente.

O governo do presidente Figueiredo foi acusado de ser imobilista. Como o senhor compararia com o atual Governo?

Eu não vi imobilismo no governo Figueiredo. O governo Figueiredo teve uma tarefa duríssima que foi ajustar o Brasil a uma crise mundial. Nós sofremos. Fizemos ajustes. Em 84, já estávamos crescendo, tínhamos feito um ajuste bastante razoável. Bastou continuar a política que vinha sendo posta em prática em 84 que a economia cresceu quase 8 por cento em 85, os preços continuaram em 220 por cento. Deu um superávit de 13 bilhões de dólares. Na realidade, isso tudo foi destruído em agosto de 85, com a mudança da política e o começo da destruição do tal "pacotão" fiscal de novembro. O doutor Ulysses aprovou correndo porque queria ir para a China.

Por que o senhor acha que a crise de agora é maior do que a de 81?

Porque essa é uma crise nossa. Em 81, era uma crise do mundo. O Brasil faz parte do mundo e estava saindo da crise. A recessão de 81/82 foi consequência de uma política para conduzir um ajuste. A recessão de 87 é consequência da falta de política. Ela é uma recessão gratuita, para nada. Está sendo feita, simplesmente, porque se chutou tudo fora do gol.

O senhor não acha que a contradição se dá exatamente porque há dois governos. O presidente Sarney querendo fazer uma coisa e o PMDB querendo fazer outra?

O PMDB é o partido dele. Foi uma opção que ele fez. Ele foi do PMDB e é homem do PMDB. Não seria um PMDB histórico. O PMDB histórico do PMDB é sem "H". Tem aí dois ou três que defendem a idéia de que são históricos e até talvez sejam. Mas o partido do Presidente é o PMDB. O que eu acho é que o PMDB não desceu do palanque.

Como político o senhor se sente bem? Eu me sinto perfeitamente. Estou aprendendo muito. Acho o Congresso uma coisa interessantíssima. E mais: o Congresso é realmente o Brasil físico. Cada pessoa que está aqui é rigorosamente igual a todas as outras. Cada indivíduo que está aqui representa uma parcela da sociedade brasileira com seus anseios, suas dificuldades, seus problemas. A seca do nordeste aqui é um fato concreto. Não é uma abstração da renda, da invasão não sei onde no Ceará.

Como o senhor vê o tipo de debates aqui, nas comissões?...

Eu acho que há uma certa pretensão intelectual. Na minha opinião, como eu disse, cada pessoa que está aqui tem sua forma de expressar — aqui não existe hierarquia, é um clube rigorosamente igualitário — seu nível de compreensão da realidade. E o debate reflete isso. As pessoas que estão aqui são para cuidar dos interesses dos seus constituintes. E elas sabem defendê-los com maestria.

Sem muita teoria mas... Há pretensões que são difíceis de serem acomodadas. Hoje, todo mundo pretende fazer certas vinculações entre setores da sociedade e o orçamento.

**2 PMDB**  
O partido ainda não desceu do palanque. Tem uma propensão para a demagogia que toma votos dos incautos mas não administra o país.

**3 SARNEY**  
O presidente é um político competente. O mal é que ele optou pelo PMDB e pôs seu mandato, que era de seis anos, em debate público.

**1 CRISE**  
A crise é política ou econômica? Eu acho certa diferenciação até um pouco ociosa. Você não tem uma crise econômica. Não tem uma crise política. Tem uma crise realmente. E uma coisa global. De uma certa forma uma alimenta a outra. Digamos: você não pode apresentar um programa coerente porque quem suporta o Governo é um partido incoerente. Em compensação, essa incoerência é reforçada pelos maus resultados da política. E o problema da galinha e do ovo.

Mas não se sabe até quando o Presidente fica...

Isso eu acho que é um pouco de conversa mole. Eu acredito, realmente, que quem abriu essa discussão foi o Presidente. Eu considero o Sarney um homem extremamente hábil do ponto de vista político. E competente. E me surpreendi com o discurso de impacto, em que ele abriu mão de um ano de mandato. Na minha opinião isso é um absurdo. O mandato é de seis anos e ele não pode abrir mão de coisa nenhuma. Hoje o mandato está na mão, realmente, da Assembleia Nacional Constituinte.

Quem o senhor considera o maior inimigo do Governo, hoje?

O Governo não tem inimigos. O Governo tem adversários. Eu nem diria adversários. Tem opositores, como é normal e natural. Agora, eu acho que a grande oposição ao Governo é o Governo. Basicamente você tem oposição do quinto escalão ao segundo. Só não tem do primeiro porque o Presidente é o único.

E não tem vice...

O que ele tem é um xá do pentapresidente, ou tetrapresidente.

O governo do presidente Figueiredo foi acusado de ser imobilista. Como o senhor compararia com o atual Governo?

Eu não vi imobilismo no governo Figueiredo. O governo Figueiredo teve uma tarefa duríssima que foi ajustar o Brasil a uma crise mundial. Nós sofremos. Fizemos ajustes. Em 84, já estávamos crescendo, tínhamos feito um ajuste bastante razoável. Bastou continuar a política que vinha sendo posta em prática em 84 que a economia cresceu quase 8 por cento em 85, os preços continuaram em 220 por cento. Deu um superávit de 13 bilhões de dólares. Na realidade, isso tudo foi destruído em agosto de 85, com a mudança da política e o começo da destruição do tal "pacotão" fiscal de novembro. O doutor Ulysses aprovou correndo porque queria ir para a China.

Por que o senhor acha que a crise de agora é maior do que a de 81?

Porque essa é uma crise nossa. Em 81, era uma crise do mundo. O Brasil faz parte do mundo e estava saindo da crise. A recessão de 81/82 foi consequência de uma política para conduzir um ajuste. A recessão de 87 é consequência da falta de política. Ela é uma recessão gratuita, para nada. Está sendo feita, simplesmente, porque se chutou tudo fora do gol.

O senhor não acha que a contradição se dá exatamente porque há dois governos. O presidente Sarney querendo fazer uma coisa e o PMDB querendo fazer outra?

O PMDB é o partido dele. Foi uma opção que ele fez. Ele foi do PMDB e é homem do PMDB. Não seria um PMDB histórico. O PMDB histórico do PMDB é sem "H". Tem aí dois ou três que defendem a idéia de que são históricos e até talvez sejam. Mas o partido do Presidente é o PMDB. O que eu acho é que o PMDB não desceu do palanque.

Como político o senhor se sente bem? Eu me sinto perfeitamente. Estou aprendendo muito. Acho o Congresso uma coisa interessantíssima. E mais: o Congresso é realmente o Brasil físico. Cada pessoa que está aqui é rigorosamente igual a todas as outras. Cada indivíduo que está aqui representa uma parcela da sociedade brasileira com seus anseios, suas dificuldades, seus problemas. A seca do nordeste aqui é um fato concreto. Não é uma abstração da renda, da invasão não sei onde no Ceará.

Como o senhor vê o tipo de debates aqui, nas comissões?...

Eu acho que há uma certa pretensão intelectual. Na minha opinião, como eu disse, cada pessoa que está aqui tem sua forma de expressar — aqui não existe hierarquia, é um clube rigorosamente igualitário — seu nível de compreensão da realidade. E o debate reflete isso. As pessoas que estão aqui são para cuidar dos interesses dos seus constituintes. E elas sabem defendê-los com maestria.

Sem muita teoria mas... Há pretensões que são difíceis de serem acomodadas. Hoje, todo mundo pretende fazer certas vinculações entre setores da sociedade e o orçamento.

**2 PMDB**  
O partido ainda não desceu do palanque. Tem uma propensão para a demagogia que toma votos dos incautos mas não administra o país.

**3 SARNEY**  
O presidente é um político competente. O mal é que ele optou pelo PMDB e pôs seu mandato, que era de seis anos, em debate público.

Entrevista a EDUARDO BRITO SERGIO CHACON e VERA RAMOS

## Delfim Netto

**1 CRISE**  
É sobretudo política. É de falta de legitimidade. A economia é indissociável da política e da situação institucional.

**2 PMDB**  
Deve ser o grande partido social democrata do Brasil e não uma organização esquerdista ou conservadora. Ele tem uma história.

**3 SARNEY**  
Ele tem o sincero desejo de acertar. É injusto culpá-lo pelo descalabro do governo. O que falta são novas instituições.

**1 CRISE**  
Não se tem crise política ou econômica. É uma coisa global e uma de certa forma alimenta a outra. E o problema da galinha e do ovo.

**2 PMDB**  
O partido ainda não desceu do palanque. Tem uma propensão para a demagogia que toma votos dos incautos mas não administra o país.

**3 SARNEY**  
O presidente é um político competente. O mal é que ele optou pelo PMDB e pôs seu mandato, que era de seis anos, em debate público.

**1 CRISE**  
A crise é política ou econômica? Eu acho certa diferenciação até um pouco ociosa. Você não tem uma crise econômica. Não tem uma crise política. Tem uma crise realmente. E uma coisa global. De uma certa forma uma alimenta a outra. Digamos: você não pode apresentar um programa coerente porque quem suporta o Governo é um partido incoerente. Em compensação, essa incoerência é reforçada pelos maus resultados da política. E o problema da galinha e do ovo.

Mas não se sabe até quando o Presidente fica...

Isso eu acho que é um pouco de conversa mole. Eu acredito, realmente, que quem abriu essa discussão foi o Presidente. Eu considero o Sarney um homem extremamente hábil do ponto de vista político. E competente. E me surpreendi com o discurso de impacto, em que ele abriu mão de um ano de mandato. Na minha opinião isso é um absurdo. O mandato é de seis anos e ele não pode abrir mão de coisa nenhuma. Hoje o mandato está na mão, realmente, da Assembleia Nacional Constituinte.

Quem o senhor considera o maior inimigo do Governo, hoje?

O Governo não tem inimigos. O Governo tem adversários. Eu nem diria adversários. Tem opositores, como é normal e natural. Agora, eu acho que a grande oposição ao Governo é o Governo. Basicamente você tem oposição do quinto escalão ao segundo. Só não tem do primeiro porque o Presidente é o único.

E não tem vice...

O que ele tem é um xá do pentapresidente, ou tetrapresidente.

O governo do presidente Figueiredo foi acusado de ser imobilista. Como o senhor compararia com o atual Governo?

Eu não vi imobilismo no governo Figueiredo. O governo Figueiredo teve uma tarefa duríssima que foi ajustar o Brasil a uma crise mundial. Nós sofremos. Fizemos ajustes. Em 84, já estávamos crescendo, tínhamos feito um ajuste bastante razoável. Bastou continuar a política que vinha sendo posta em prática em 84 que a economia cresceu quase 8 por cento em 85, os preços continuaram em 220 por cento. Deu um superávit de 13 bilhões de dólares. Na realidade, isso tudo foi destruído em agosto de 85, com a mudança da política e o começo da destruição do tal "pacotão" fiscal de novembro. O doutor Ulysses aprovou correndo porque queria ir para a China.

Por que o senhor acha que a crise de agora é maior do que a de 81?

Porque essa é uma crise nossa. Em 81, era uma crise do mundo. O Brasil faz parte do mundo e estava saindo da crise. A recessão de 81/82 foi consequência de uma política para conduzir um ajuste. A recessão de 87 é consequência da falta de política. Ela é uma recessão gratuita, para nada. Está sendo feita, simplesmente, porque se chutou tudo fora do gol.

O senhor não acha que a contradição se dá exatamente porque há dois governos. O presidente Sarney querendo fazer uma coisa e o PMDB querendo fazer outra?

O PMDB é o partido dele. Foi uma opção que ele fez. Ele foi do PMDB e é homem do PMDB. Não seria um PMDB histórico. O PMDB histórico do PMDB é sem "H". Tem aí dois ou três que defendem a idéia de que são históricos e até talvez sejam. Mas o partido do Presidente é o PMDB. O que eu acho é que o PMDB não desceu do palanque.

Como político o senhor se sente bem? Eu me sinto perfeitamente. Estou aprendendo muito. Acho o Congresso uma coisa interessantíssima. E mais: o Congresso é realmente o Brasil físico. Cada pessoa que está aqui é rigorosamente igual a todas as outras. Cada indivíduo que está aqui representa uma parcela da sociedade brasileira com seus anseios, suas dificuldades, seus problemas. A seca do nordeste aqui é um fato concreto. Não é uma abstração da renda, da invasão não sei onde no Ceará.

Como o senhor vê o tipo de debates aqui, nas comissões?...

Eu acho que há uma certa pretensão intelectual. Na minha opinião, como eu disse, cada pessoa que está aqui tem sua forma de expressar — aqui não existe hierarquia, é um clube rigorosamente igualitário — seu nível de compreensão da realidade. E o debate reflete isso. As pessoas que estão aqui são para cuidar dos interesses dos seus constituintes. E elas sabem defendê-los com maestria.

Sem muita teoria mas... Há pretensões que são difíceis de serem acomodadas. Hoje, todo mundo pretende fazer certas vinculações entre setores da sociedade e o orçamento.

**2 PMDB**  
O partido ainda não desceu do palanque. Tem uma propensão para a demagogia que toma votos dos incautos mas não administra o país.

**3 SARNEY**  
O presidente é um político competente. O mal é que ele optou pelo PMDB e pôs seu mandato, que era de seis anos, em debate público.

**1 CRISE**  
A crise é política ou econômica? Eu acho certa diferenciação até um pouco ociosa. Você não tem uma crise econômica. Não tem uma crise política. Tem uma crise realmente. E uma coisa global. De uma certa forma uma alimenta a outra. Digamos: você não pode apresentar um programa coerente porque quem suporta o Governo é um partido incoerente. Em compensação, essa incoerência é reforçada pelos maus resultados da política. E o problema da galinha e do ovo.

Mas não se sabe até quando o Presidente fica...

Isso eu acho que é um pouco de conversa mole. Eu acredito, realmente, que quem abriu essa discussão foi o Presidente. Eu considero o Sarney um homem extremamente hábil do ponto de vista político. E competente. E me surpreendi com o discurso de impacto, em que ele abriu mão de um ano de mandato. Na minha opinião isso é um absurdo. O mandato é de seis anos e ele não pode abrir mão de coisa nenhuma. Hoje o mandato está na mão, realmente, da Assembleia Nacional Constituinte.

Quem o senhor considera o maior inimigo do Governo, hoje?

O Governo não tem inimigos. O Governo tem adversários. Eu nem diria adversários. Tem opositores, como é normal e natural. Agora, eu acho que a grande oposição ao Governo é o Governo. Basicamente você tem oposição do quinto escalão ao segundo. Só não tem do primeiro porque o Presidente é o único.

E não tem vice...

O que ele tem é um xá do pentapresidente, ou tetrapresidente.

O governo do presidente Figueiredo foi acusado de ser imobilista. Como o senhor compararia com o atual Governo?

Eu não vi imobilismo no governo Figueiredo. O governo Figueiredo teve uma tarefa duríssima que foi ajustar o Brasil a uma crise mundial. Nós sofremos. Fizemos ajustes. Em 84, já estávamos crescendo, tínhamos feito um ajuste bastante razoável. Bastou continuar a política que vinha sendo posta em prática em 84 que a economia cresceu quase 8 por cento em 85, os preços continuaram em 220 por cento. Deu um superávit de 13 bilhões de dólares. Na realidade, isso tudo foi destruído em agosto de 85, com a mudança da política e o começo da destruição do tal "pacotão" fiscal de novembro. O doutor Ulysses aprovou correndo porque queria ir para a China.

Por que o senhor acha que a crise de agora é maior do que a de 81?

Porque essa é uma crise nossa. Em 81, era uma crise do mundo. O Brasil faz parte do mundo e estava saindo da crise. A recessão de 81/82 foi consequência de uma política para conduzir um ajuste. A recessão de 87 é consequência da falta de política. Ela é uma recessão gratuita, para nada. Está sendo feita, simplesmente, porque se chutou tudo fora do gol.

O senhor não acha que a contradição se dá exatamente porque há dois governos. O presidente Sarney querendo fazer uma coisa e o PMDB querendo fazer outra?

O PMDB é o partido dele. Foi uma opção que ele fez. Ele foi do PMDB e é homem do PMDB. Não seria um PMDB histórico. O PMDB histórico do PMDB é sem "H". Tem aí dois ou três que defendem a idéia de que são históricos e até talvez sejam. Mas o partido do Presidente é o PMDB. O que eu acho é que o PMDB não desceu do palanque.

Como político o senhor se sente bem? Eu me sinto perfeitamente. Estou aprendendo muito. Acho o Congresso uma coisa interessantíssima. E mais: o Congresso é realmente o Brasil físico. Cada pessoa que está aqui é rigorosamente igual a todas as outras. Cada indivíduo que está aqui representa uma parcela da sociedade brasileira com seus anseios, suas dificuldades, seus problemas. A seca do nordeste aqui é um fato concreto. Não é uma abstração da renda, da invasão não sei onde no Ceará.

Como o senhor vê o tipo de debates aqui, nas comissões?...

Eu acho que há uma certa pretensão intelectual. Na minha opinião, como eu disse, cada pessoa que está aqui tem sua forma de expressar — aqui não existe hierarquia, é um clube rigorosamente igualitário — seu nível de compreensão da realidade. E o debate reflete isso. As pessoas que estão aqui são para cuidar dos interesses dos seus constituintes. E elas sabem defendê-los com maestria.

Sem muita teoria mas... Há pretensões que são difíceis de serem acomodadas. Hoje, todo mundo pretende fazer certas vinculações entre setores da sociedade e o orçamento.

**2 PMDB**  
O partido ainda não desceu do palanque. Tem uma propensão para a demagogia que toma votos dos incautos mas não administra o país.

**3 SARNEY**  
O presidente é um político competente. O mal é que ele optou pelo PMDB e pôs seu mandato, que era de seis anos, em debate público.

Entrevista a EDUARDO BRITO SERGIO CHACON e VERA RAMOS

## Delfim Netto

**1 CRISE**  
É sobretudo política. É de falta de legitimidade. A economia é indissociável da política e da situação institucional.

**2 PMDB**  
Deve ser o grande partido social democrata do Brasil e não uma organização esquerdista ou conservadora. Ele tem uma história.

**3 SARNEY**  
Ele tem o sincero desejo de acertar. É injusto culpá-lo pelo descalabro do governo. O que falta são novas instituições.

**1 CRISE**  
Não se tem crise política ou econômica. É uma coisa global e uma de certa forma alimenta a outra. E o problema da galinha e do ovo.

**2 PMDB**  
O partido ainda não desceu do palanque. Tem uma propensão para a demagogia que toma votos dos incautos mas não administra o país.

**3 SARNEY**  
O presidente é um político competente. O mal é que ele optou pelo PMDB e pôs seu mandato, que era de seis anos, em debate público.

**1 CRISE**  
A crise é política ou econômica? Eu acho certa diferenciação até um pouco ociosa. Você não tem uma crise econômica. Não tem uma crise política. Tem uma crise realmente. E uma coisa global. De uma certa forma uma alimenta a outra. Digamos: você não pode apresentar um programa coerente porque quem suporta o Governo é um partido incoerente. Em compensação, essa incoerência é reforçada pelos maus resultados da política. E o problema da galinha e do ovo.

Mas não se sabe até quando o Presidente fica...

Isso eu acho que é um pouco de conversa mole. Eu acredito, realmente, que quem abriu essa discussão foi o Presidente. Eu considero o Sarney um homem extremamente hábil do ponto de vista político. E competente. E me surpreendi com o discurso de impacto, em que ele abriu mão de um ano de mandato. Na minha opinião isso é um absurdo. O mandato é de seis anos e ele não pode abrir mão de coisa nenhuma. Hoje o mandato está na mão, realmente, da Assembleia Nacional Constituinte.

Quem o senhor considera o maior inimigo do Governo, hoje?

O Governo não tem inimigos. O Governo tem adversários. Eu nem diria adversários. Tem opositores, como é normal e natural. Agora, eu acho que a grande oposição ao Governo é o Governo. Basicamente você tem oposição do quinto escalão ao segundo. Só não tem do primeiro porque o Presidente é o único.

E não tem vice...

O que ele tem é um xá do pentapresidente, ou tetrapresidente.

O governo do presidente Figueiredo foi acusado de ser imobilista. Como o senhor compararia com o atual Governo?

Eu não vi imobilismo no governo Figueiredo. O governo Figueiredo teve uma tarefa duríssima que foi ajustar o Brasil a uma crise mundial. Nós sofremos. Fizemos ajustes. Em 84, já estávamos crescendo, tínhamos feito um ajuste bastante razoável. Bastou continuar a política que vinha sendo posta em prática em 84 que a economia cresceu quase 8 por cento em 85, os preços continuaram em 220 por cento. Deu um superávit de 13 bilhões de dólares. Na realidade, isso tudo foi destruído em agosto de 85, com a mudança da política e o começo da destruição do tal "pacotão" fiscal de novembro. O doutor Ulysses aprovou correndo porque queria ir para a China.

Por que o senhor acha que a crise de agora é maior do que a de 81?

Porque essa é uma crise nossa. Em 81, era uma crise do mundo. O Brasil faz parte do mundo e estava saindo da crise. A recessão de 81/82 foi consequência de uma política para conduzir um ajuste. A recessão de 87 é consequência da falta de política. Ela é uma recessão gratuita, para nada. Está sendo feita, simplesmente, porque se chutou tudo fora do gol.

O senhor não acha que a contradição se dá exatamente porque há dois governos. O presidente Sarney querendo fazer uma coisa e o PMDB querendo fazer outra?

O PMDB é o partido dele. Foi uma opção que ele fez. Ele foi do PMDB e é homem do PMDB. Não seria um PMDB histórico. O PMDB histórico do PMDB é sem "H". Tem aí dois ou três que defendem a idéia de que são históricos e até talvez sejam. Mas o partido do Presidente é o PMDB. O que eu acho é que o PMDB não desceu do palanque.

Como político o senhor se sente bem? Eu me sinto perfeitamente. Estou aprendendo muito. Acho o Congresso uma coisa interessantíssima. E mais: o Congresso é realmente o Brasil físico. Cada pessoa que está aqui é rigorosamente igual a todas as outras. Cada indivíduo que está aqui representa uma parcela da sociedade brasileira com seus anseios, suas dificuldades, seus problemas. A seca do nordeste aqui é um fato concreto. Não é uma abstração da renda, da invasão não sei onde no Ceará.

Como o senhor vê o tipo de debates aqui, nas comissões?...

Eu acho que há uma certa pretensão intelectual. Na minha opinião, como eu disse, cada pessoa que está aqui tem sua forma de expressar — aqui não existe hierarquia, é um clube rigorosamente igualitário — seu nível de compreensão da realidade. E o debate reflete isso. As pessoas que estão aqui são para cuidar dos interesses dos seus constituintes. E elas sabem defendê-los com maestria.

Sem muita teoria mas... Há pretensões que são difíceis de serem acomodadas. Hoje, todo mundo pretende fazer certas vinculações entre setores da sociedade e o orçamento.

**2 PMDB**  
O partido ainda não desceu do palanque. Tem uma propensão para a demagogia que toma votos dos incautos mas não administra o país.